

Foi, certamente, sentindo o quanto de verdade encerram palavras como essas e, conseqüentemente, compreendendo os bons resultados que se poderiam obter chamando a atenção dos empregados públicos para êsses problemas, concitando-os a se exercitarem sistematicamente e, em especial, ensinando-lhes alguns movimentos ginásticos que, sem sacrifício, praticados diariamente, pudessem contribuir de modo eficaz para a conservação de sua saúde, de sua alegria e do seu bem estar, que a Divisão de Aperfeiçoamento do D.A.S.P. decidiu encetar uma campanha em prol do aperfeiçoamento físico do servidor do Estado.

Essa campanha, que teve como etapa inicial a elaboração do folheto "Saúde pela Educação Física", recentemente pôsto em circulação, se desenvolverá de acôrdo com programa previamente organizado, o qual constará das seguintes atividades:

1. Concurso de pequenos cartazes.
2. Exposição dos cartazes premiados no concurso. Distribuição dos prêmios.
3. Impressão e distribuição de cartazes de tipo grande, especialmente encomendados pela Divisão de Aperfeiçoamento.
4. Série de conferências: (Srs. Mario de Brito, Ary Fernandes e Ciro de Moraes).
5. Distribuição da monografia "O aperfeiçoamento físico do servidor do Estado e a sua influência no rendimento do Serviço Público", premiada no concurso de 1943.
6. Reportagem cinematográfica por intermédio da Divisão de Cinema e Teatro do D.I.P.
7. Artigo do Dr. Mario de Brito para a *Revista Brasileira de Educação Física*.
8. Reprodução na *Revista Brasileira de Educação Física* do folheto "Saúde pela Educação Física", preparado pela Divisão de Aperfeiçoamento.
9. Aforismos para publicação em rodapés da *Revista Brasileira de Educação Física* e no *Boletim do D.A.S.P.*
10. Artigo do técnico Inezil Pena Marinho para a *Revista do Serviço Público*.
11. Editorial na *Revista Brasileira de Educação Física*.
12. Propaganda radiofônica.
13. Propaganda na imprensa por intermédio da A.B.I.
14. Atividade desportiva (a ser escolhida para realização combinada com a A.S.C.B.).

Com êsse novo empreendimento, aquela Divisão estará acrescentando ao muito que tem feito em prol da elevação do nível intelectual dos servidores do Estado, um complemento que se fazia necessário: o aperfeiçoamento físico. E estará confirmando assim esta verdade, elementar hoje em matéria de educação, que é, na expressão feliz do nosso Ruy: a inseparabilidade do espírito e do corpo na formação da inteligência e dos costumes humanos.

Oitava reunião mensal de 1944

"Os Estados Unidos enfrentam os problemas do após-guerra"

Com a colaboração do Prof. Hernane Tavares de Sá, da Universidade de São Paulo, realizou a D.A. do D.A.S.P. a oitava reunião mensal do corrente ano. Pronunciou Sua Senhoria a conferência-tema da reunião, que subordinou ao título "Os Estados Unidos enfrentam os problemas do após-guerra" e cujo teor transcrevemos a seguir:

"O que mais impressiona quem visita os EE. UU. hoje é que a opinião pública e as elites intelectuais estão muito mais preocupadas com o após-guerra do que com a guerra. E é justo e animador que assim seja. A derrota militar do eixo já se está consumando; são os problemas de reorganização política, econômica e social do mundo que hoje avultam. Os EE. UU. vão ter que enfrentar problemas muito sérios nesses três setores durante o período que se seguir ao colapso militar da Alemanha e do Japão.

As considerações que se seguem são produto de uma estadia de dois anos e tanto nos EE. UU., desde os dias que se seguiram ao ataque de Pearl Harbour até fins do mês passado. Durante este período, tive oportunidade de visitar 75 das grandes universidades norte-americanas em 38 Estados, e de ouvir sobre esses problemas líderes do pensamento norte-americano. Em Washington, procurei apreender o que se pensava nos meios governamentais.

Mas talvez a fonte mais fecunda de ensinamentos fôsse a leitura da imprensa norte-americana que, com a liberdade e franqueza que a caracterizam, apresenta tais problemas sobre todos os ângulos possíveis, debatendo-os larga e exaustivamente.

O que vou apresentar a seguir não são de modo nenhum idéias originais minhas, senão um resumo mal feito do pensamento norte-americano e das correntes e diretrizes que êle parece seguir.

Alguns desses problemas, que o país vai enfrentar no após-guerra, são de natureza econômica, política ou social.

A) PROBLEMAS ECONÔMICOS

Dentre os muitos problemas econômicos que preocupam os norte-americanos, no período que se vai iniciar, há dois que convém destacar por sua importância toda especial, um deles de natureza imediata e o outro que se apresentará em toda a sua agudeza dentro de poucos anos.

O problema imediato é a reconversão da indústria dos EE. UU., presentemente dedicada à produção de guerra, para manufatura de produtos de paz.

Reconversão é uma palavra que se ouve e se lê constantemente nos EE. UU. No entanto, não se trata exatamente de fazer com que fábricas de tanques e aviões voltem a fabricar tratores e automóveis, por exemplo. Há um fator novo que é preciso levar em conta — a expansão da indústria norte-americana nos últimos três anos; o aumento de sua capacidade de produção foi de tal monta que, se toda esta capacidade fôr encaminhada para produtos civis, é provável que nem o gigantesco mercado consumidor norte-americano consiga absorvê-la. Isto, apesar de serem muito grandes as necessidades imediatas, devido ao fato de produtos manufaturados, como automóveis, geladeiras, rádios, cuja produção foi interrompida nesses últimos anos, encontrarem por isso mesmo um mercado ávido.

O aspecto fundamental do problema da reconversão industrial é manter empregado todo o operariado do país. Quando a indústria norte-americana começou a ser mobilizada para a guerra, ela foi absorvendo gradativamente os milhões de desempregados que havia em 1940, a tal ponto que em fins de 1942 havia desaparecido o problema do desemprego. E' claro, pois, que a reconversão não pode significar a volta às condições de 1940. E' preciso que não volte o problema dos desempregados, pois seria uma ironia desanimadora que só o estado de guerra pudesse dar trabalho a toda a população de um país. Êste é, aliás, um problema que se apresenta também

para a Grã-Bretanha e os países industrializados da Europa.

Esta questão central se complica pelo fato de que a produção de guerra norte-americana não somente absorveu todos os desempregados, como também criou trabalho para milhões de novos operários — as mulheres. Para dar um exemplo apenas, a indústria de aviação, que antes da guerra empregava apenas algumas centenas de milhares de pessoas, das quais nem dez por cento eram mulheres, hoje dá trabalho a vários milhões de operários — e mais da metade são do sexo feminino. Êste exemplo se multiplica em quase todos os setores da produção industrial. Que irá acontecer quando onze milhões de soldados forem desmobilizados e procurarem emprego? As mulheres voltarão ao lar, abrirão mão de salários altos que lhes proporcionaram um novo padrão de vida e uma nova independência econômica?

O segundo problema econômico que quero mencionar não tem uma premência tão imediata, mas terá repercussões de alcance mundial. E' o problema do esgotamento iminente, nos EE. UU., de matérias primas essenciais e vitais para a economia de uma nação industrializada.

O norte-americano médio, consciente das riquezas naturais de seu solo e sub-solo, acreditava que os EE. UU. produziam mais ou menos tudo aquilo de que necessitavam. As conquistas japonesas na Ásia e no Pacífico vieram mostrar que certos produtos importantes só existiam em quantidade suficiente em regiões longínquas do globo: foi o caso da borracha, do estanho e do quinino, para tomar apenas três exemplos. Reconhecendo o perigo, os EE. UU. enfrentaram-no com energia e determinação e conseguiram resolvê-lo, já pela criação e desenvolvimento de produtos sintéticos, no país, já pela expansão da produção latino-americana de tais matérias primas.

Mas, há algo mais grave. Os EE. UU., com a maior indústria siderúrgica e a maior indústria de derivados do petróleo do mundo, estão em vésperas de ver esgotadas suas jazidas de minério de ferro e seus poços de petróleo.

No caso do ferro, a quase totalidade de minério de alto teor vem das jazidas de Mesabi, no Estado de Minnesota; uma pequena percentagem vem das jazidas da região de Birmingham, no Estado de Alabama. Calcula-se que o Mesabi Range estará esgotado nos próximos dez anos, no ritmo atual de exploração. Muito breve, os EE. UU. terão que importar do estrangeiro enorme quantidade de minério, para uma produção de aço que mesmo em tempo de paz era da ordem de cem milhões de toneladas. Êste é um fato importante para o Brasil, que possui vinte três por cento das reservas mundiais conhecidas de minério de ferro — todo êle de alto teor. Poderíamos trocar nosso minério pelo equipamento e instalação, em grande escala, de nossa indústria siderúrgica, pedra fundamental da grande potência industrial que deverá ser o Brasil ainda na nossa geração.

O petróleo é, junto com o ferro e o carvão, um dos três elementos básicos para o poderio industrial. Os EE. UU. sempre produziram mais derivados do petróleo do que o resto do mundo. Mas a guerra veio aumentar de tal modo o consumo de óleo pesado e, sobretudo, de gasolina, que as reservas conhecidas de petróleo naquele

país acham-se ameaçadas de esgotamento no período de uma geração. O grito de alarma já foi dado e o problema vem sendo intensamente estudado e debatido. Uma conseqüência interessante é o interesse que o Governo e a indústria petrolífera norte-americanos vêm tomando pelas jazidas do Oriente Próximo. Fala-se mesmo na construção, por capitais norte-americanos, de um oleoduto que venha trazer o petróleo daquelas regiões a um porto do Mediterrâneo oriental.

Um significado importante desses novos fatos econômicos é que eles vêm mostrar à opinião pública norte-americana que o isolacionismo econômico norte-americano é tão impossível hoje em dia quanto o isolacionismo político, e que o comércio exterior virá desempenhar um papel cada vez mais importante na vida do país.

B) PROBLEMAS POLÍTICOS

O observador estrangeiro que procura compreender a orientação e as tendências da opinião pública norte-americana, em questões de política internacional, depara com um paradoxo inicial. E' o de um país que, militarmente e economicamente, é indiscutivelmente a primeira potência mundial, enquanto que psicologicamente ainda guarda muito de uma mentalidade provinciana, um pouco avessa e desconfiada de tudo que implique relações íntimas com outros países na esfera política.

Este provincianismo e desconfiança tem fundamentos históricos. Os EE. UU. foram fundados e mais tarde povoados por homens que fugiam à Europa e cortaram com alegria e desafogo todos os laços que os prendiam às intrigas e subtilidades políticas e diplomáticas do Velho Mundo. O testamento político de George Washington (*Farewell Address*) aconselha os norte-americanos a evitarem alianças e ligações íntimas com países estrangeiros ("No foreign entanglements"). A Constituição determina que todo tratado com país estrangeiro necessita ser ratificado por dois terços do Senado — órgão político que sempre mostrou grande relutância e cuidado ao fazer tais ratificações. Isolados das tormentas e convulsões européias por um oceano, preocupados e entregues à construção de um grande país e de uma grande civilização, bastando-se ou acreditando bastar-se a si próprios no terreno econômico, — os norte-americanos não tinham mais que um interesse sentimental e acadêmico em questões internacionais.

Esta guerra veio mudar radicalmente a situação. Em três anos, os EE. UU. converteram-se de uma nação desarmada e pacífica na maior potência militar do globo. Seus soldados lutaram ou lutam em frentes de batalha que se estendem por quatro continentes e pelos cinco oceanos. Esteado nesse poderio militar gigantesco, a atitude dos EE. UU. terá uma influência decisiva em todas as decisões que forem tomadas no período de após-guerra, interessando praticamente a todas as nações.

Mas, se os EE. UU. provaram que podiam se transformar em três anos na maior potência militar mundial, os próprios norte-americanos sabem que não é possível, em espaço tão curto, educar a opinião pública em assuntos internacionais. Seus dirigentes e líderes intelectuais queixam-se dessa carência. WALTER LIPPMANN, em seu livro sobre política exterior dos EE. UU., ressalta a falta

de diretrizes constantes, tais como as tem tido a Grã-Bretanha, por exemplo.

Mas, no entanto, um esforço gigantesco vem sendo feito para educar a opinião pública em assuntos internacionais e pôr em equação os muitos problemas que se vão apresentar no período de após-guerra. Uma das coisas que mais me impressionaram nos EE. UU. foi o interesse crescente por questões internacionais e os debates que se travam na imprensa, no rádio, nas universidades, e nas associações femininas. Para dar um exemplo entre muitos, a Universidade de Chicago, uma das grandes universidades do país, realiza semanalmente um programa de rádio "Chicago Round Table", que é irradiado para todo o país e escutado por milhões. Nesse programa, são debatidos problemas internacionais por professores especializados e autoridades no assunto que são convidadas a também participar d'ele. O padrão intelectual dessas discussões é muito alto e sua função educadora importante.

C) PROBLEMAS SOCIAIS

O período de após-guerra vai focalizar com grande agudeza os problemas sociais, os mais sérios nos EE. UU. Já me referi acima, ligeiramente, à questão das novas condições econômicas criadas pelo esforço de guerra para as mulheres. Algumas palavras sobre dois problemas agudos — o problema racial e o do divórcio psicológico entre soldados e civis.

O problema racial nos EE. UU. é antes que mais o problema dos negros, vindo a seguir o dos mexicanos e dos judeus. Mas é o problema das relações cada vez mais difíceis entre negros e brancos o que mais preocupa os líderes do pensamento americano. Incidentes como os choques raciais em Detroit e a recente greve dos empregados em transporte em Filadélfia são sintomas de uma situação para a qual é difícil ver-se solução. A contradição entre os princípios democráticos em que está fundado o país e a negação desses princípios para 13 milhões de seus habitantes, é um doloroso problema de consciência para muitos norte-americanos. E' preciso que se diga que o problema preocupa cada vez mais a opinião pública do país, que já se tem feito alguma coisa para melhorar as condições econômicas e as oportunidades de educação para os negros. Mas o preconceito psicológico e biológico permanece tão forte que um observador de fora não consegue ver uma solução satisfatória.

Outro problema que deverá avultar muito breve é o divórcio entre a mentalidade dos soldados mobilizados e a dos civis. O civil norte-americano pouco sofreu com a guerra, protegido dos bombardeios pela geografia, e, por um efficientíssimo controle de preços, dos males da inflação. O aumento dos salários de um modo geral acompanhou o aumento do custo de vida e em muitos casos se adiantou a ele. Pode-se dizer, que, de um modo geral, a situação econômica da população civil não sofreu com a guerra. Enquanto isso, milhões de soldados, nas frentes de combate e em guarnições espalhadas por todos os cantos do mundo, viviam de seu soldo. Ao serem desmobilizados, reclamarão eles na estrutura econômica do país o lugar que lhes toca pelos sacrifícios de boa vontade consentidos. A reintegração na vida econômica do país, de onze milhões de cidadãos, não será um problema fácil de se resolver.

CONCLUSÃO

Por outro lado, existem organismos técnicos especializados acima apontados, há, no entanto, um fator que permite que sua solução seja encarada com otimismo. É o fato desses problemas estarem desde já sendo postos em equação. Seu debate franco e minucioso na imprensa, no rádio, nas universidades, faz com que pouco a pouco a população inteira se vá pondo ao par e procurando soluções acertadas.

Por outro lado, existem organismos técnicos especializados cuja função única é fazer o estudo científico, frio e objetivo, desses problemas, e fazer conhecer suas conclusões ao Governo e à opinião pública. É o que acontece no setor econômico, por exemplo, com as comissões de planejamento, tais como a *National Planning Association*, cuja função é pôr em equação e antecipar a solução de problemas econômicos que vêm surgindo.

É o que se passa, no setor político e social, com os departamentos de ciências políticas e sociais das grandes universidades, que não se dedicam à especulação e ao espírito acadêmico abstrato, mas antes procuram estudar e propor soluções para problemas políticos e sociais de interesse imediato para a nação."

*
* *

Como primeiro debatedor falou o Sr. Océlio de Medeiros, Técnico de Organização do D. A. S. P. :

"Além do desejo de travar um contacto mais íntimo com o Dr. Hernane Tavares de Sá, a quem comecei a admirar através de honrosas referências de alguns de seus colegas de estágio nos EE. UU.; do de favorecer-me da possibilidade de lidar com auditório tão selecionado e, por isto mesmo, de julgamentos tão controvertidos, tendo em vista, sobretudo, a diversidade de especialização de seus elementos; e, ainda, do de aproveitar um dos raros momentos propícios à agitação de estudos de que nos temos bastante descurado, quais sejam os dos fenômenos que constituem, por assim dizer, uma espécie de síndrome do estado de desorganização que se seguirá ao advento da paz; — só o reconhecimento à distinção da D.A. do D.A.S.P. me faz debater a presente palestra.

Isto se explica porque, ao ser convidado, na quarta-feira, para discutir uma exposição que versaria sobre a *administração local*, vi-me surpreendido, na sexta, com um tema completamente oposto: *problemas do após guerra*...

Por outro lado, e desde que a lógica está, no momento, entre nós, como "... E o vento levou" em determinada época, isto é, em moda, a narrativa do expositor me permite chegar às seguintes ilações:

a) tratando-se de considerações objetivas sobre problemas econômicos, políticos e sociais de após-guerra, devidas a impressões colhidas durante a permanência do expositor nos EE. UU., fácil é deduzir, à primeira vista, que só uma pessoa recentemente chegada desse país, como

o Prof. Rubens de Siqueira, por exemplo, poderia debater, mais seguramente, o noticiário feito, sem que isso implique, de minha parte, acusar de improbidade as reportagens, os tópicos e até mesmo os poucos livros que sobre tais problemas nos têm chegado;

b) a palestra contém observações de um viajor, na sua perambulação por "75 das grandes universidades norte-americanas de 38 Estados" e, por isto mesmo, não pode deixar de constituir uma visão global das preocupações, das insônias, dos trabalhos, do interesse e do entusiasmo de *Tio Sam* em atalhar e destruir, através de uma segura obra de previsão política, administrativa e econômica, todos os males que se definirão logo após o momento em que os nazi-fascistas forem considerados oficialmente em estado de putrefação. Não há, por isto mesmo, na miscelânea dos flagrantes, aspectos profundos que possam ser de fato debatidos, sem prejuízo de incorrer em generalidades e considerando ainda, fundamentalmente, que os acontecimentos passados em revista, em sua quase totalidade, não são do desconhecimento do meio;

c) não tendo, na palestra, tratado especificamente do caso brasileiro, isto é, daquilo que o Estado Nacional Brasileiro deveria fazer (através de órgãos especialmente criados, com o fim de considerar a situação econômica, política e social em face da paz que estamos ajudando a ganhar), é bem provável que o ilustre expositor, com invejável habilidade e recomendável prudência, deseje ressaltar a indiferença oficial nesse sentido, ou provocar, da parte dos debatedores, cusada tentativa do confronto e crítica, principalmente considerando-se a sua longa ausência do Brasil.

Além de tudo, a ordem de grupamento dos problemas, para efeito de métodos de exposição, apresenta um conteúdo bastante restrito, sem se levar em conta que a prioridade está também em função do observador, tanto assim que, para um técnico de educação, nenhum problema seria mais importante que o da reeducação da juventude e da infância.

Seria preferível abordar exclusivamente o plano de reconversão, porque daí partem, na realidade, os problemas fundamentais do após-guerra: os EE. UU., conforme aconselharam aos ingleses, mudarão os seus métodos de comércio exterior e expansionismo industrial? Por outro lado, desde que novas formas de organização foram experimentadas, de que é exemplo o sistema Kaiser, em que situação ficarão os produtores e o proletariado norte-americanos, sob o efeito das novas idéias que concebem o desemprego, a concentração da riqueza, a desigualdade de classes e o imperialismo econômico como fenômenos típicos do que os publicistas e sociólogos chamam de Terceiro Estado?

Seja como for, o expositor afirmou, de início, que "o que mais impressiona quem visita os EE. UU. hoje é que a opinião pública e as elites intelectuais estão muito mais preocupadas com o após-guerra do que com a guerra". Aludiu, a seguir, ao papel desempenhado pela liberdade da palavra no debate desses problemas, sendo a leitura da imprensa livre a fonte mais fecunda de ensinamentos e o rádio e as organizações universitárias, do mesmo modo que os organismos técnicos especializados do pró-

prio Governo, os principais veículos de agitação das idéias.

A meu ver, não se trata apenas de uma preocupação das elites intelectuais e da opinião pública, sem dúvida alguma ainda lembrados das decorrências dolorosas da guerra passada, quando inúmeras pessoas, inclusive ex-combatentes, foram obrigados a vender maças nas esquinas: trata-se ainda de um fenômeno de organização do próprio Estado Americano, pois só assim lhe seria possível, graças às pesquisas de seus técnicos e órgãos especializados, proporcionar à nação os preventivos e antídotos necessários a vencer os males do futuro. E' o que se deve, em grande parte, a BERNARD BARUCH, numa confirmação de PFIFFNER, quando este afirma que já não se pode admitir como impossível a experiência controlada na ciência política.

O fato, com relação às elites, teve também a sua repetição entre nós, sem encontrar, porém, o merecido eco. Lembro-me, por exemplo, entre outros jornalistas e escritores, de OSÓRIO BORBA, êsse agitador de idéias, que do canto angustiado de seu jornal tantas vezes tem-se insurgido contra dogmas e frases de efeito já sem razão de ser, porquanto as perspectivas de mudança das condições do mundo aconselham de fato uma profunda revisão de pensamento.

Não quero me referir aqui ao velho problema dos negros, dos imigrantes filipinos e trabalhadores mexicanos, cuja situação tem colocado em controvérsias os princípios fundamentais da organização política dos Estados Unidos, os quais, reconhecendo, por exemplo, a União Soviética como uma das primeiras potências do mundo moderno, já não podem viver apegados ao fetichismo de velhos textos, apesar de todo o seu significado histórico.

As idéias de GOBINEAU e HOUSTON CHAMBERLAIN, que muito contribuíram para criar as políticas nacionalistas baseadas na superioridade racial dos grupos, e mesmo as de ALEXIS CARREL a respeito (ao explicar que a separação da população de um país livre em diferentes classes não se deve nem a sortes nem a convenções sociais, mas a sólidas bases biológicas), podem encontrar revisão na seqüência dos próprios fatos da guerra. Assim, quem sabe se o problema dos negros, como o dos filipinos e o dos mexicanos, não encontrará solução automática, nessa mesma seqüência?

HAROLD LASKI, no seu estudo sobre o Estado Nacional Moderno, teve de certo modo certa primazia na antevisão dos problemas de post-guerra, ao colocar o nacionalismo em frente ao direito, entendido este fora de qualquer conceito místico, ético e transcendental. Mas é preciso considerar ainda uma série de realidades que, equacionadas em confronto, permitem certa meditação sobre as conveniências do mundo futuro: a descentralização antepondo-se à centralização como imperativo de liberdades e bem estar; as tendências do Estado transpersonalista ou de cultura, antepondo-se aos fundamentos do Estado individualista e super-individualista, um repousando no sistema de economia liberal, já passadista, e outro no princípio da supremacia das elites de mando, ambos conduzindo ao Estado cosmopolita e ao dogma da soberania, já revisto pelo Direito Público Moderno; as trans-

formações do Estado Federal, sua decadência ou evolução para a forma confederada, pela primeira vez experimentada com êxito sob bases econômicas e não apenas de defesa externa, dentro das conveniências da descentralização e da economia associada; etc.

Para concluir, volto ao item c, na apreciação que fiz à palestra que acabamos de aplaudir, e, dêsse modo, não posso deixar de reconhecer que as considerações do Dr. Hernane Tavares de Sá muito serviram para acentuar o pouco que temos feito, na previsão e tratamento dos problemas de após-guerra, ao contrário dos EE. UU., embora sendo o Brasil parte dessa mesma guerra que não assegurará a vitória apenas de norte-americanos e ingleses, mas igualmente de soviéticos e chineses, motivo por que não podemos deixar de admitir a providência de males cujos remédios ainda não puderam ser, entre nós, devidamente pesquisados: a desorganização das prefeituras rurais e dos centros produtores de matéria-prima, conforme eu mesmo tive oportunidade de tratar em recente artigo na *Revista do Serviço Público* e em trabalho dirigido a certos homens da Amazônia, exaltados pela situação de uma economia fictícia devida ao repovoamento dos seringais, à revalorização dos principais produtos de exportação e aos saldos anormais na balança comercial, o retraimento das indústrias brasileiras dos mercados conquistados durante a guerra, caso volte um regime de maior competição, em virtude do plano de reconversão das indústrias das principais potências; custo de vida; salário e todos êsses males criados pela inflação; etc.

E' o que tinha a dizer, numa tentativa de debate das considerações do expositor, a que, ao concluir, rendo os meus protestos de admiração e apreço."

*

* *

Debateu em seguida a conferência o Sr. Rubens de Siqueira, Técnico de Administração do D.A.S.P., que disse:

"Não se pode negar a grande oportunidade da conferência que acabamos de ouvir. Para nós, brasileiros, o assunto tratado — problemas do após-guerra — tem especial significação, de vez que nos faz lembrar que dêle ainda não nos lembramos. Pensamos mesmo que o Dr. Tavares de Sá, culto e inteligente, quis agir à maneira de Machado de Assis, i.é., não atacou diretamente grande falha nossa mas deixou-a contida nas entrelinhas... e isso representa, a nosso ver, o maior mérito da conferência.

Agora, o debate propriamente dito, que, de acôrdo com as condições estabelecidas na Portaria n.º 1.561-41, poderá constituir apenas pedido de esclarecimento de certos tópicos da conferência-tema, poderá ser uma contestação formal e justificada de afirmações feitas, ou, ainda, significar a maneira pessoal do debatedor encarar o assunto focalizado. E' de praxe, também, a complementação do assunto, por parte do debatedor, para diminuir a angústia do tempo a que está sujeito o conferencista.

Começaremos por solicitar alguns esclarecimentos, para afastar dúvidas que, no bom sentido da palavra, nos trouxe o conferencista.

a) Como conciliaria o Dr. Tavares de Sá, na parte referente a assuntos econômicos, as duas seguintes afirmativas :

I — Os EE. UU., com a maior indústria siderúrgica e a maior indústria de derivados do petróleo do mundo, estão em vésperas de ver esgotadas suas jazidas de minério de ferro e seus poços de petróleo” e

II — “... as reservas conhecidas de petróleo naquele país acham-se ameaçadas de esgotamento no período de uma geração”?

Justificativas dessa nossa primeira dúvida : — Não somos nem temos pretensões a economista. Pelo que havíamos lido, quer em jornais, quer em revistas americanas (*New York Times* e *Fortune*), antes da conferência e, depois, por causa da conferência, aprendemos que as reservas petrolíferas conhecidas, nos EE. UU., caso o mesmo ritmo de consumo continue, deverão ficar esgotadas num período entre 15-18 anos aproximadamente. O *Bureau of Mines*, pelo menos, assim deixa entrever e RALPH J. WATKINS, *Assistant Director*, e WILBERT G. FRITZ, *Principal Economist*, do “National Resources Planning Board”, no quadro 2, estampado no conhecido *Planning for America* de GALLOWAY e associados, à pág. 130, também o fazem. V. S., Dr. Sá, com sua expressão “em vésperas” afirma a mesma cousa.

Geração, porém, V. S. que é médico e biologista, bem melhor do que nós sabe que o seu conceito está intimamente ligado ao de índice de duração de vida de um país. Em países de índices inferiores (Brasil, China, Índia, por exemplo), uma geração consta de 30 a 33 anos, se não nos enganamos. Nos EE. UU., o período de uma geração é superior a 60 anos. V. S., Dr. Sá, com a sua expressão “esgotamento no período de uma geração”, i.é., mais de 60 anos, deu lugar à nossa dúvida, muito natural, como se depreende das considerações feitas.

Até ler a interessante conferência de V. S., estávamos nós convencido, burguês médio que se preocupa apenas superficialmente com as questões econômicas do mundo, de que a produção de aço dos EE. UU. durante a guerra, só atingiria os cem milhões de toneladas a partir de 1943-1944.

V. S., porém, afirma *literalmente* “uma produção de aço que mesmo em tempo de paz era da ordem de cem milhões de toneladas”.

Desejariamos pois, que V. S. nos esclarecesse essa segunda dúvida, quais as fontes em que se baseou para emitir tal opinião, porque os dados que aqui trazemos (*Fortune*, August, 1941, pág. 66, e os volumes de 1940, 41 e 43 do “The Statesman’s Year Book”, editados por M. Epstein) confirmam o nosso conhecimento anterior.

Pedimos ao espírito esclarecido e esportivo do conferencista que nos perdôe a ingenuidade, reconhecemos,

das questões apresentadas, lembrando, todavia, que já confessamos não nos dedicarmos ao estudo de questões econômicas, o que não acontece, porém, com V. S., que aqui as veio focalizar e debater.

Terminada a primeira parte do nosso debate — pedido de esclarecimento de certos tópicos da conferência — tema — passamos agora à segunda, que significa apenas a maneira pessoal do debatedor encarar a conferência, nada mais, em virtude de não termos contestações formais para as afirmações feitas.

V. S. relacionou, e o fez com grande felicidade e brilho invulgar, alguns dos problemas que os EE. UU. deverão enfrentar no após-guerra.

“Os EE. UU. enfrentam os problemas do após-guerra” é, porém, o título da conferência. Julgamos que um título mais modesto no conteúdo, não na extensão, como, por exemplo, “Impressões sobre alguns problemas que os EE. UU. deverão enfrentar no após-guerra”, seria mais consentâneo à exposição feita por V. S. Gostaríamos de ouvir a opinião do conferencista sobre essa maneira pessoal nossa, relativa à discordância entre o título e o conteúdo da palestra.

Deixando de lado o nosso papel de “amigo do contra”, iremos agora complementar o tema, dizendo algo sobre como os EE. UU. estão enfrentando o problema social da reintegração na vida econômica do país de onze milhões de cidadãos.

A “American Academy of Political and Social Science”, pelos seus excelentes “Annals”, cuidou, em maio de 1943, do problema de “Our servicemen and economic security”.

Em dois excelentes artigos sobre reemprego, ROBERT P. CRECHT e CHARLES L. JAMISON, nos mostram o que se fez e o que se está fazendo, bem como as grandes falhas que o “planning” apresenta.

As bases estatutárias do reemprego e outros benefícios estão contidas no *Selective Service Act* de setembro de 1940, com modificações em agosto de 1941, e na *National Guard and Reserve Corps Joint Resolution*, de agosto de 1940.

Em síntese, podemos dizer que essa legislação cobre diretamente todos os empregados permanentes do governo dos EE. UU. e da indústria privada e, através de sua sanção moral e da pressão pública, atinge indiretamente os empregados de qualquer Estado ou suas sub-divisões políticas.

A legislação estipula que todos os empregados, exceção feita para os que exercem uma “posição temporária”, devem ser reempregados ou em sua antiga situação ou em posição equivalente (“to a position of like seniority, status and pay”) desde que se prove :

a) que eles receberam um certificado de serviço satisfatório nas forças armadas;

- b) que eles estão ainda qualificados para retomar os deveres constantes de sua antiga situação;
- c) que eles solicitaram reemprego dentro de 40 dias, após baixa do serviço ativo do exército; e
- d) que circunstâncias afetando o empregador, a este impeçam de aceitar o antigo empregado.

Houve, assim, um verdadeiro "planning" — criticável, aliás, diga-se de passagem, em alguns dos seus aspectos — para readaptar o soldado-civil à sua vida civil, social e economicamente falando.

Cuida-se, agora, com estudos críticos profundos sobre a matéria, tentar obviar as falhas que o plano apresenta.

Queremos, finalizando, agradecer ao conferencista, pela grande atualidade dos assuntos que soube relacionar, o ensêjo que nos deu de rever matéria tão interessante e, ao mesmo tempo, dirigindo-nos ao seu "fairplay", solicitar mil perdões por ter sido, durante algum tempo, "amigo da onça."

*
* *

No imprevisto que se seguiu ao segundo debatedor, o Prof. Tavares de Sá respondeu às objeções feitas e esclareceu os tópicos de seu trabalho que suscitaram dúvidas aos comentadores.

